



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS



Beatriz Frizzo Souza

Arte, Comunidade e Experiência: Processo criativo no Projeto
Clic@ Cidade em Ouro Preto (MG)

Ouro Preto

2026

Beatriz Frizzo Souza

Arte, Comunidade e Experiência: Processo criativo no Projeto
Clic@ Cidade em Ouro Preto (MG)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Cênicas – Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador: Dr. Marcelo Eduardo R. de Gasperi

Ouro Preto

2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
COORDENACAO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
ARTES CENICAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Beatriz Frizzo Souza

Arte, Comunidade e Experiência: Processo criativo no Projeto Clic@ Cidade em Ouro Preto (MG)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas

Aprovada em 23 de julho de 2026

https://sei.ufop.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1261400&infra_sistema=100000100&infra_unidade_atual=110002070&infra_hash=d1f9c2a01... 1/2

Membros da banca

Doutor - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre - Itamar Salviano Borges de Araujo- Membro Externo da banca - Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais
Doutora - Bruna Christófaros Matosinhos - Universidade Federal de Ouro Preto

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10 de agosto de 2026



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 10/08/2026, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1155908** e o código CRC **C8BDB69**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009083/2026-37

SEI nº 1155908

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1730 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público de qualidade e oportunidades oferecidas ao longo desses anos. Agradeço a todos os funcionários do DEART e ao corpo docente do curso de Artes Cênicas pelos valiosos ensinamentos, vocês são parte fundamental para o nosso crescimento.

Ao Prof. Dr. Marcelo Rocco, que para além da orientação, paciência e dedicação, tornou minha graduação mais estimulante e desafiadora por compartilhar seu conhecimento e didática. Meu mais sincero obrigada por cada palavra e contribuições dadas dentro em sala de aula.

Agradeço à minha banca examinadora e todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

Agradeço ao Projeto Clic@ Cidade, OCA e à cidade de Ouro Preto pela oportunidade de aprendizagem e vivência.

À minha psicóloga, Juliana Marian, por me ajudar a fortalecer, reconhecer e confiar nesse grande processo que se chama vida.

À República Casa das Sete e aos amigos da graduação por serem porto seguro nos momentos difíceis.

Agradeço meus pais por serem rede de apoio, agradeço o amor, carinho, respeito e compreensão, vocês são a minha base. À minha irmã por ser minha confidente. À toda família buscapé por se fazerem presentes mesmo com a distância.

Por fim, agradeço a mim por não desistir, às minhas crenças e valores que me proporcionaram calma e discernimento em meio ao caos!

RESUMO

O presente artigo investiga o processo criativo e a mediação cultural em ambiente de educação não escolar, tomando como objeto analítico as oficinas de fotografia do Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual. Realizada pela Organização Cultural Ambiental (OCA) no bairro Alto da Cruz, na periferia de Ouro Preto (MG), a iniciativa atende crianças e adolescentes de 8 a 16 anos em situação de vulnerabilidade social. O objetivo central é analisar como o processo criativo vivenciado pelo grupo atuou como dispositivo de desautomatização do cotidiano, ampliando o olhar dos discentes sobre o espaço urbano e potencializando construções de identidade e pertencimento comunitário. Metodologicamente, a pesquisa qualitativa baseia-se na observação direta e vivência durante estágio docente de observação realizado em abril de 2022, analisando os relatos dos participantes, os materiais visuais produzidos e a conjuntura sócio-histórica do território. Teoricamente, a investigação ampara-se no conceito de experiência de Jorge Larrosa Bondía, precisamente em *Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência* (2002); na noção de cultura como performance de Erika Fischer-Lichte em *A Cultura como Performance: Desenvolver um Conceito* (2005); nas reflexões sobre a teatralidade e espectador de Flávio Desgranges em *Teatralidade Tátil: Alterações no Ato do Espectador* (2008); no conceito de cultura de Néstor García Canclini em *A Cultura Política: Entre o Midiático e o Digital* (2008); nas noções de ação cultural de Suzana Schmidt em *A Ação Cultural e a Dimensão Criadora* (2011). Em articulação com isso, a pesquisa também aborda as formulações de Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (2002) sobre conhecimentos de experiência feitos e a politicidade da prática educativa, bem como nos conceitos de identidades de Stuart Hall em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2006) e nas noções de sujeito de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1995). Os resultados indicam que o manuseio da câmera fotográfica operou como uma pausa sensível, concluindo que o processo criativo gerado no projeto tensiona as barreiras visíveis e invisíveis da segregação urbana, legitimando os saberes comunitários e consolidando as atividades artísticas como dispositivos ampliadores de emancipação e subjetivação.

Palavras-chave: arte-educação, comunidade, experiência, processo criativo.

ABSTRACT

This article investigates the creative process and cultural mediation in a non-school educational environment, taking as its analytical object the photography workshops of the Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual Project. Conducted by the Organização Cultural Ambiental (OCA) in the Alto da Cruz neighborhood, on the outskirts of Ouro Preto (MG), the initiative serves children and adolescents aged 8 to 16 in situations of social vulnerability. The central objective is to analyze how the creative process experienced by the group acted as a device for de-automatizing daily life, expanding the students' perspective on urban space and fostering constructions of identity and community belonging. Methodologically, this qualitative research is based on direct observation and lived experience during a teaching observation internship conducted in April 2022, analyzing the participants' accounts, the visual materials produced, and the socio-historical context of the territory. Theoretically, the investigation is supported by Jorge Larrosa Bondía's concept of experience, specifically in *Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência* (2002); Erika Fischer-Lichte's notion of culture as performance in *A Cultura como Performance: Desenvolver um Conceito* (2005); Flávio Desgranges' reflections on theatricality and the spectator in *Teatralidade Tátil: Alterações no Ato do Espectador* (2008); Néstor García Canclini's concept of culture in *A Cultura Política: Entre o Midiático e o Digital* (2008); and Suzana Schmidt's notions of cultural action in *A Ação Cultural e a Dimensão Criadora* (2011). In conjunction with this, the research also addresses Paulo Freire's formulations in *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (2002) regarding knowledge made from experience and the political nature of educational practice, as well as Stuart Hall's concepts of identity in *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2006) and Gilles Deleuze and Félix Guattari's notions of subject in *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1995). The results indicate that the handling of the camera operated as a sensitive pause, concluding that the creative process generated within the project strains the visible and invisible barriers of urban segregation, legitimizing community knowledge and consolidating artistic activities as expanding devices for emancipation and subjectivation.

Keywords: art-education, community, experience, creative process.

RESUMEN

El presente artículo investiga el proceso creativo y la mediación cultural en un entorno de educación no escolar, tomando como objeto analítico los talleres de fotografía del Proyecto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual. Realizada por la Organización Cultural Ambiental (OCA) en el barrio Alto da Cruz, en la periferia de Ouro Preto (MG), la iniciativa atiende a niños y adolescentes de 8 a 16 años en situación de vulnerabilidad social. El objetivo central es analizar cómo el proceso creativo vivenciado por el grupo actuó como dispositivo de desautomatización de lo cotidiano, ampliando la mirada de los discentes sobre el espacio urbano y potencializando construcciones de identidad y pertenencia comunitaria. Metodológicamente, la investigación cualitativa se basa en la observación directa y la vivencia durante una práctica docente de observación realizada en abril de 2022, analizando los relatos de los participantes, los materiales visuales producidos y la coyuntura sociohistórica del territorio. Teóricamente, la investigación se ampara en el concepto de experiencia de Jorge Larrosa Bondía, precisamente en *Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência* (2002); en la noción de cultura como performance de Erika Fischer-Lichte en *A Cultura como Performance: Desenvolver um Conceito* (2005); en las reflexiones sobre la teatralidad y el espectador de Flávio Desgranges en *Teatralidade Tátil: Alterações no Ato do Espectador* (2008); en el concepto de cultura de Néstor García Canclini en *A Cultura Política: Entre o Midiático e o Digital* (2008); y en las nociones de acción cultural de Suzana Schmidt en *A Ação Cultural e a Dimensão Criadora* (2011). En articulación con esto, la investigación también aborda las formulaciones de Paulo Freire en *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (2002) sobre los conocimientos nacidos de la experiencia y la politicidad de la práctica educativa, así como en los conceptos de identidades de Stuart Hall en *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2006) y en las nociones de sujeto de Gilles Deleuze y Félix Guattari en *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1995). Los resultados indican que el manejo de la cámara fotográfica operó como una pausa sensible, concluyendo que el proceso creativo generado en el proyecto tensiona las barreras visibles e invisibles de la segregación urbana, legitimando los saberes comunitarios y consolidando las actividades artísticas como dispositivos ampliadores de emancipación y subjetivación.

Palabras clave: arte-educación, comunidad, experiencia, proceso creativo.

Arte, olhar e processo criativo

O presente artigo analisará o processo criativo nas oficinas de fotografia a partir da minha experiência no Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual¹, projeto este que atua promovendo oficinas voltadas à comicidade, artesanias, práticas malabares, fotografia, audiovisual, “ginga circense”², capoeira e maracatu enquanto valorização da identidade afrobrasileira em Ouro Preto. O recorte analítico investiga como o olhar dos discentes se transformou com relação ao espaço habitado do começo do ciclo até a mostra final. Para essa leitura, serão levados em consideração os relatos dos participantes, os materiais visuais produzidos, a proposta pedagógica do projeto e as camadas históricas e sociais que caracterizam os espaços ocupados por eles na cidade.

Ao propor essa análise precisamos compreender o que pensamos quando definimos os processos criativos, imagino que inicialmente associamos esse conceito ao movimento de criação de algo, no entanto, criar vai além do ato; é nas mudanças que se configura e se torna mais interessante, nos convidando a observar o percurso e, então, compreender o próprio processo de criação. “A lente é que vai ser o nosso olhar!”, disse o docente da oficina de fotografia, Eduardo Tropa, em uma das atividades de campo feitas com os participantes do Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual, o que não estaria claro nesse primeiro momento, para os discentes participantes do projeto, é que haveria tanto para fotografar sobre o espaço que passavam todos os dias e que os estímulos dados pelo docente os fariam se questionar sobre suas perspectivas e relações com aquele ambiente. Partindo disso, o questionamento que fica é: como criar a partir da percepção e do olhar de nós mesmos enquanto sujeitos pertencentes àquilo que se vê? O processo de criação pode potencializar esses novos olhares?

Nesse sentido, o processo de criação traz a oportunidade de ampliar a percepção da realidade, potencializando o olhar e a experiência ao torná-los dispositivos de consciência e desautomatização do cotidiano, permitindo que o sujeito crie novos significados de identidade e pertencimento. A fotografia, aqui tratada por mim como uma arte que delimita um espaço cênico vivo e o transforma em imagem comunicadora, contribui para que sejamos mais atentos e detalhistas ao que se vê, quando se faz um recorte com a câmera de um momento que está atravessando os sentidos são aguçados e a percepção do entorno se torna mais presente e menos automática, as imagens captam um recorte do momento vivido mas também

¹Irei aprofundar sobre sua origem e desdobramentos no Item 2, dedicado ao Projeto.

²Arte circense integradas aos fundamentos da capoeira angola e maracatu.

podem transmitir sensações, cheiros, gostos, sentimentos, ruídos, identificações, símbolos, conceitos, etc, sentidos ou não pelo autor; Por esse motivo, a fotografia pode atuar como uma pausa sensível no dia a dia, na qual o autor vivendo aquele processo de criação se percebe e reflete sobre o que ou como retrata aquele determinado espaço-tempo.

Tendo em vista que atualmente vivemos imersos em um fluxo incessante de estímulos urbanos, poluição sonora e visual, onde a pressa e o excesso de informação blindam a subjetividade, elementos marcantes da paisagem de Ouro Preto, como os chafarizes, as flores, as ladeiras, os casarões e os monumentos históricos, tornam-se invisíveis pelo hábito. É nessa posição de observação que se faz necessário uma redefinição do conceito de experiência, compreendida não como o simples ato de transitar pelas ruas, mas como um evento de afetação interna. Ao teorizar sobre essa distinção na sociedade contemporânea, Jorge Larrosa Bondía (2002) define que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Bondía, 2002, p. 21).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que as saídas de campo com as câmeras fotográficas operaram como um mecanismo de ruptura com a engrenagem que impede o acontecer, o ato de fotografar impôs aos discentes uma pausa obrigatória no tempo automatizado, transformando a caminhada pela cidade em um espaço de novas possibilidades. Diante da lente, o chafariz ou os casarões deixaram de ser apenas objetos que "se passavam" diante dos olhos e passaram a ser fenômenos que os "atravessavam" e os "tocavam", assim, permitindo que os discentes passassem a atribuir sentidos próprios ao ambiente onde vivem, tecendo os primeiros fios de pertencimento comunitário.

A compreensão dos processos criativos no Projeto Clic@ Cidade exige uma definição do conceito de subjetivação, distante de representar uma essência estática ou uma identidade preexistente, a subjetivação constitui um território em constante fluxo, moldado pelas fricções e encontros que o indivíduo estabelece com o social, o político e o cultural. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o sujeito não é um ponto de partida, mas o resultado provisório de processos de diferenciação e de agenciamentos coletivos. Trata-se de linhas que ora nos territorializam em modos de ser normatizados, ora nos lançam em movimentos de invenção e emancipação. Assim, as oficinas do projeto funcionam como disparadoras de novos modos de existência.

A subjetivação da experiência por meio da pausa fotográfica redefine a própria maneira como esses sujeitos se apropriam da herança cultural de Ouro Preto. Em uma cidade

marcada por uma narrativa histórica colonial forte e tradicional para o consumo turístico, a cultura corre o risco de ser percebida como um objeto do passado, intocável e distante dos discentes. Para romper com essa visão, faz-se necessário deslocar o entendimento de cultura de um acervo estático de monumentos para um campo de ação e produção viva, onde o sujeito contemporâneo interfere ativamente no significado do espaço, como vemos dentro das produções artísticas possibilitadas pelo projeto, é sob esse horizonte que a pesquisadora Erika Fischer-Lichte (2005) propõe compreender as práticas sociais não mais sob a ótica da mera leitura, mas sim da ação realizada no tempo e no espaço, afirmando que:

Já não partimos da ideia de que a cultura tem de ser entendida como um texto feito de sinais, que tem de ser lido, como pressupunha o conceito de cultura dominante a partir da viragem linguística dos anos 70: 'A cultura como texto'. Pelo contrário, viemos a perceber que a cultura é também, se é que não é primeiro que tudo, performance (Fischer-Lichte, 2005, p. 73).

Podemos relacionar a conceituação de Fischer-Lichte à dinâmica observada, os discentes performaram a cultura contemporânea nas ruas através de suas escolhas estéticas, o exercício fotográfico se transformou em um ato performativo quando os sujeitos manipularam luz e sombra, testaram enquadramentos, operaram com o zoom e propuseram recortes intencionais na paisagem. Os sujeitos vivenciaram o espaço de modo participativo, na Figura 01, foto tirada por uma discente, podemos observar as rachaduras nas paredes, em segundo plano as casas no morro e as falhas no paralelepípedo no qual deixaram de ser apenas imperfeições urbanas e passaram a ser reconfiguradas como cenários, narrativas únicas e sensíveis, ao criar, eles estavam performando uma nova camada cultural sobre a cidade, corporificando e inscrevendo sua subjetividade viva na comunidade. O que nos faz voltar ao pensamento de Bondía que se a experiência é o que nos toca, ela é também o que nos permite formar uma identidade e nos reconhecer, assim, a experiência individual e coletiva se alimentam mutuamente e culturalmente.

Figura 01 - Foto tirada por uma discente como parte da oficina de fotografia.



Fonte: Discente Luana Vaz Penna Santos (2022)

Essa transição da contemplação para a ação performática, participativa e criativa confere aos sujeitos a oportunidade de desenvolver um olhar autônomo, diante de uma cultura visual que frequentemente condiciona a juventude a apenas consumir imagens pré-formatadas. A oficina atuou como um espaço pedagógico de emancipação, seguindo com o pensamento de Jorge Larrosa Bondía: “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (Bondía, 2002, p.25).

Assim, tomando como base esse pensamento, no processo de experienciar a oficina de maneira aberta, perceptível e vulnerável os discentes tiveram a possibilidade de encontrar outras formas de olhar para o que viviam, estando sujeitos à própria transformação. Os exercícios propostos permitiram que os discentes pensassem além do que se espera e do que já está pré-estabelecido, tratando de uma proposta de mediação cultural que visava contribuir para que eles se reconhecessem como sujeitos produtores de significado. Ao investigar as transformações sequenciais que constituem o ato do espectador na contemporaneidade, Flávio Desgranges (2008) aponta que:

Ressaltarei aqui, especialmente, aspectos da teatralidade recente, em que, como tentarei descrever, a recepção passa a ser compreendida por seu caráter de experiência, que, para se efetivar, depende de uma disponibilidade distinta do espectador, inaugurando outro modo participativo. Além de alterar significativamente a noção de obra de arte, que deixa de ser concebida com a aura que a envolvia tradicionalmente. A produção teatral pode ser considerada, desde

então, não como obra, mas como objeto artístico, passando a assumir função social bastante diversa daquela compreendida até então (Desgranges, 2008, p. 11).

A reflexão de Desgranges trata sobre teatralidade, sobre o espectador e de sua posição perante a obra, assim pode-se compreender que o ato de acionar a câmera fotográfica para capturar o cotidiano de Ouro Preto funcionou como uma provocação para criar suas próprias interpretações, elevando os discentes à condição de autores da própria realidade, somado ao que constatamos até então sobre experiência.

O Projeto Clic@ Cidade demonstra que, ao fornecer estímulos que forçam o sujeito a questionar suas relações com o entorno (sem pressa, excesso de informações e/ou opinião) impulsionam a reconstrução de seus vínculos com o ambiente, podendo gerar a curiosidade e configurando a cidade como um espaço de pertencimento, no qual o processo criativo e o percurso percorrido são tão valiosos quanto o resultado final. Quando o discente se torna autor da imagem de sua própria comunidade, ele deixa de ser apenas um consumidor de narrativas hegemônicas para se consolidar como um produtor de sua cultura com suas próprias transformações. A criação é o que permite ao ser humano não apenas passar de forma automática pelo mundo, mas deixar-se ser passado por ele, assumindo outros papéis sociais e transformando o clique fotográfico, por exemplo, em um ato de saber e de ser.

O Projeto Clic@ Cidade e seu contexto formativo

A Organização Cultural Ambiental (OCA)³, sediada em Ouro Preto (MG), foi fundada em 2004 por um grupo de amigos e profissionais das áreas de artes cênicas, dança e ambiental. Constitui-se como uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos que foca na formação integral de crianças e adolescentes, utilizando a arte-educação como dispositivo para auxiliar na descoberta e no desenvolvimento de suas potencialidades. Pautada por valores fundamentais como a ética, a cooperação, o protagonismo juvenil e o empoderamento do cidadão, a instituição acolhe a diversidade ao atuar nos territórios com respeito e afeto, garantindo que as pessoas sejam livres para expressar suas identidades de

³A reconstituição histórica da instituição promotora do Projeto se fundamenta na pesquisa documental realizada por Bernardo (2023), a qual aponta que a Organização Cultural Ambiental (OCA), sediada em Ouro Preto (MG), obteve o título de Utilidade Pública Municipal em 2009 e foi certificada como Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) pelo Governo Federal em 2018. Conforme registram os históricos institucionais da entidade, a OCA consolidou-se como um Ponto de Cultura de destacada relevância na região, angariando reconhecimentos nacionais expressivos, tais como o Prêmio Carequinha de Circo (promovido pela FUNARTE) e o Selo Itaú UNICEF na categoria "Experiências que Transformam".

gênero, deficiências, raças e crenças, dessa maneira valorizando a cultura através da arte e do meio ambiente. No portfólio da OCA⁴, definem a organização como:

Sua finalidade é desenvolver atividades socioculturais e educativas prioritariamente para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, contribuindo para transformação social, democratização do acesso à cultura e às artes atuando em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Fernandes, 2024, s.p.).

Executado pela OCA em parceria com o CMDCA - Conselho Municipal Dos Direitos da Criança e do Adolescente de Ouro Preto, o Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual⁵, do qual tratarei nesta pesquisa, foi viabilizado pelo Itaú Social com recursos do Edital Fundo da Infância e da Adolescência 2019 e conta com o apoio e parcerias da Prefeitura de Ouro Preto, Secretaria de Esportes e Lazer de Ouro Preto e as unidades do CRAS de Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, São Cristóvão e Santa Rita. Os relatórios de gestão da entidade explicitam que o aporte financeiro do edital tornou-se parte importante para o custeio operacional da proposta, englobando desde a remuneração do corpo docente e técnico até a aquisição de lanches, cartões de transporte e materiais de consumo pedagógico de alto custo — tais como os equipamentos digitais que seriam manejados posteriormente nas oficinas.

A proposta pedagógica do Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual opera como um dispositivo de comunicação cujo escopo central é reverberar um modo sensível e crítico de olhar o mundo, por meio de oficinas artísticas contínuas⁶, o projeto assume o compromisso de valorizar a identidade afro-brasileira e fomentar a construção crítica, criativa e cidadã de jovens em relação ao seu meio social. Conforme destaca a coordenadora administrativa da instituição, Luciene Nogueira, em comunicações oficiais de avaliação sociocultural da OCA divulgadas em portais informativos da comunidade:

O projeto foi pensado no formato de ocupar as comunidades. O projeto ocupando o bairro do Padre Faria e o Morro Santana, ele mostra a potencialidade desses territórios e apresenta para seus moradores, as crianças que moram no próprio bairro, quais são essas potencialidades. Ajuda nesse olhar diferenciado, da comunidade para a cidade como um todo, trazendo também a cidade para dentro dessas comunidades (Nogueira, 2023).

⁴Documento que obtive acesso através da Atylana Fernandes, coordenadora social da OCA na época em que estagiei. OCA. Portfólio OCA. 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1auUZOyWhUFp4CEt45GJa6kjM3EmBm8oi/view?usp=sharing>. Acesso em: 19 jun. 2026.

⁵Importante ressaltar que o artigo trata somente da minha observação ao longo do ciclo II, não considerando as outras questões estruturais e de logística do projeto nos seguintes ciclos, assim não questionando sua continuação.

⁶As oficinas ofertadas e seus docentes eram: Audiovisual - Heber Bezerra e Thales Gonçalves; Capoeira - Denis Vieira e Douglas Aparecido; Circo - Lú Coelho Gomes e Yone Stefani Felipe; Fotografia - Eduardo Tropia; Maracatu - Itamar Bambaia.

No relatório de acompanhamento social⁷ do Projeto, conforme registrado pela Organização Cultural Ambiental, os eixos norteadores das ações estruturam-se da seguinte forma:

Público alvo: crianças e adolescentes ouro-pretanos (8 a 16 anos). Objetivo geral: atuar na prevenção e enfrentamentos das exclusões sociais/territoriais sofridos por crianças e adolescentes negros ouro-pretanos. Objetivos específicos: Fortalecimento da identidade histórica, territorial, social e racial do público alvo; Utilizar a comunicação audiovisual na construção crítica e criativa no processo de aprendizagem das crianças/adolescentes atendidos; Empoderamento infanto-juvenil local acerca das potencialidades geradas pelas raízes e história do público-alvo; Ampliação da troca de vivências (OCA, 2023, s.p.).

Vale ressaltar que os objetivos do projeto também fomentam, de certa maneira, a autonomia e a emancipação dos participantes. O planejamento foi desenvolvido para durar quatro ciclos⁸ entre 2021 até o decorrer de 2023, organizando os participantes em três grupos — Fogo, Ar e Terra — com oficinas de Circo, Fotografia, Audiovisual, Maracatu e Capoeira distribuídas em turnos vespertinos de segunda a sexta-feira, atendendo aproximadamente 36⁹ crianças e adolescentes, entre 8 e 16 anos, em situação de vulnerabilidade social das comunidades ao redor de Ouro Preto¹⁰.

Minha inserção no projeto ocorreu a partir de abril de 2022 durante o Ciclo II, as atividades aconteciam em dois espaços culturais: a Casa de Cultura Negra, como é possível ver na Figura 02, e a Casa de Cultura Padre Faria, no qual ambos os espaços além de acolhedores e com uma boa arquitetura, são também referências simbólicas importantes para a cidade de Ouro Preto no que diz respeito a sua formação. A partir da minha leitura geográfica e social, a localização dessas sedes é importante para compreender o público que o projeto atende, que em sua maioria é população de baixa renda. O bairro Alto da Cruz no qual se situa a Casa de Cultura Negra, é onde a cidade deixa de ser centro e passa a ser considerada periférica, onde os morros se acentuam.

⁷OCA. Relatório de acompanhamento social. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13anD3Zlq6gY8h2BjzvIAi4eIRILgqEfG/view?usp=sharing>. Acesso em: 19 jun. 2026.

⁸Até 2023 o projeto se estendeu para cinco ciclos.

⁹Esse número de crianças e adolescentes corresponde ao período em que meu estágio foi cumprido.

¹⁰Piedade, Morro Santana, Alto da Cruz, N.S. de Lourdes, Santo Antônio do Leite e Cachoeira do Campo.

Figura 02 - Imagem da fachada da Casa de Cultura Negra.



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

A análise desse território exige uma breve contextualização histórica, olhando de modo crítico alguns desdobramentos. A cidade de Ouro Preto - antiga Vila Rica¹¹ - foi erguida pelo trabalho compulsório e violento de populações escravizadas. A conquista da liberdade por essas populações, historicamente negligenciada por políticas de reparação ou inserção socioeconômica, resultou na ocupação habitacional das encostas e cumes, originando os bairros periféricos que circundam o núcleo monumental, na Figura 03 podemos perceber de um ponto alto perto da sede que olhando de cima o centro está localizado no meio e mais para baixo enquanto o bairro de onde a foto foi tirada já é mais periférico.

¹¹Denominação de Ouro Preto durante o século XVIII, Vila Rica foi um importante polo econômico, político e urbano do Brasil durante o ciclo do ouro. O nome derivava da imensa quantidade do ouro extraído na região, cuja riqueza financiou o patrimônio arquitetônico do período colonial. Toda essa estrutura, contudo, foi sustentada pela exploração de mão de obra de populações africanas escravizadas, estabelecendo um contraste direto entre o centro monumental e a marginalização histórica das populações que o construíram.

Figura 03 - Imagem panorâmica do entorno da sede do projeto.



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

Um exemplo emblemático da organização comunitária e de resistência é a Igreja de Santa Efigênia (Figura 04), erguida no século XVIII pela iniciativa da irmandade dos homens pretos e liderada, segundo a tradição oral e historiográfica, por Chico Rei. Situada adjacente à Casa de Cultura Negra, a Igreja e o seu entorno são marcos da territorialidade e da afirmação da identidade afro-brasileira na cidade. Diante dessa barreira invisível da gentrificação¹², pude constatar que a maior parte dos discentes afrodescendentes residentes nas periferias de Ouro Preto crescem em um estado de não pertencimento ao centro tombado de sua própria cidade. O projeto, ao ocupar esses espaços periféricos com arte e memória, tensiona essa exclusão e viabiliza aos participantes o direito de conhecerem à si mesmos e às suas ancestralidades.

¹²Definida aqui como um processo de transformação urbana e socioespacial em que uma área historicamente desvalorizada ou de baixa renda passa por intervenções urbanísticas e forte valorização imobiliária. Esse fenômeno atrai novos moradores e empreendimentos de maior poder aquisitivo, resultando no aumento do custo de vida local e, frequentemente, no deslocamento forçado ou indireto das populações e comércios tradicionais de menor renda.

Figura 04 - Igreja Santa Efigênia



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

A OCA ao estimular questionamentos, reflexões e debates possibilita trocas e rodas de conversas entre docentes e discentes, apresentando a seguinte expectativa de resultados:

Resultados esperados: Fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente; Valorização do contexto histórico e cultural das crianças e adolescentes envolvidos no projeto; Crianças e adolescentes com olhar crítico e sentimento de cidadania; Aprendizado de técnicas do audiovisual, capoeira, maracatu e circo e aumento do desejo de continuidade e aprofundamento; Aprendizagem de conhecimentos interdisciplinares e outras competências, como trabalho em equipe, descoberta de afinidades, resolução de problemas e criatividade (OCA, 2023, s.p.).

Durante esses processos estimulados pelos participantes da Organização, foi interessante observar que, em um desses momentos, um docente possibilitou uma conversa sobre a UFOP. Muitos discentes sequer conheciam a localização geográfica dos campi ou concebiam o espaço universitário como possível para suas vidas. A mediação pautou a UFOP como um patrimônio público de direito daqueles jovens, estimulando-os a pensar na ocupação física, nos projetos de extensão e no ingresso no ensino superior. Esse movimento de conscientização encontra relação nas formulações de Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém

como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar (Freire, 2002, p.30).

Nesse sentido, os discentes saem da posição de quem “constata” para se enxergar como “sujeitos de ocorrências” e os docentes intervêm na realidade e trocam com eles, assim possibilitando o ser para além de objeto. Por se configurar como parte de uma educação em um contexto de educação não escolar, o ecossistema dessas oficinas pedagógicas usufrui de uma flexibilidade orgânica e fluida, capaz de priorizar os vínculos afetivos, a cooperação coletiva e as dinâmicas interpessoais livres das pressões pragmáticas do ensino escolar convencional, o mesmo para a oficina de fotografia, onde a observação das atmosferas vividas também é vivência para construção da imagem.

Com base na minha observação direta do cotidiano das oficinas, o espectro de autonomia e flexibilidade proporcionado aos discentes expandia significativamente as experimentações. Nas linguagens do Audiovisual e da Fotografia, a infraestrutura composta por 10 câmeras digitais e computadores voltados à edição permitiu que os discentes manipulassem, recortassem e ressignificassem imagens a partir de suas próprias escolhas narrativas (Figura 05).

Durante as produções dos projetos audiovisuais, os discentes puderam desenvolver a criatividade partindo do processo de criação dos roteiros; os exercícios de campo traziam ideias e inspirações para registrarem esse guia da forma que quisessem, sendo por desenhos, fotos, vídeos, exercícios de escrita e até mesmo por materiais orgânicos que encontravam pelos caminhos como flores e folhas secas. A elaboração dos projetos até seu resultado foi um trajeto de busca e pesquisa sobre o que fazer, sobre quem ou o que, qual história contar e quais os intuitos e afinidades tinham naquelas escritas.

Figura 05 - Discentes durante a oficina de audiovisual trabalhando em seus projetos.

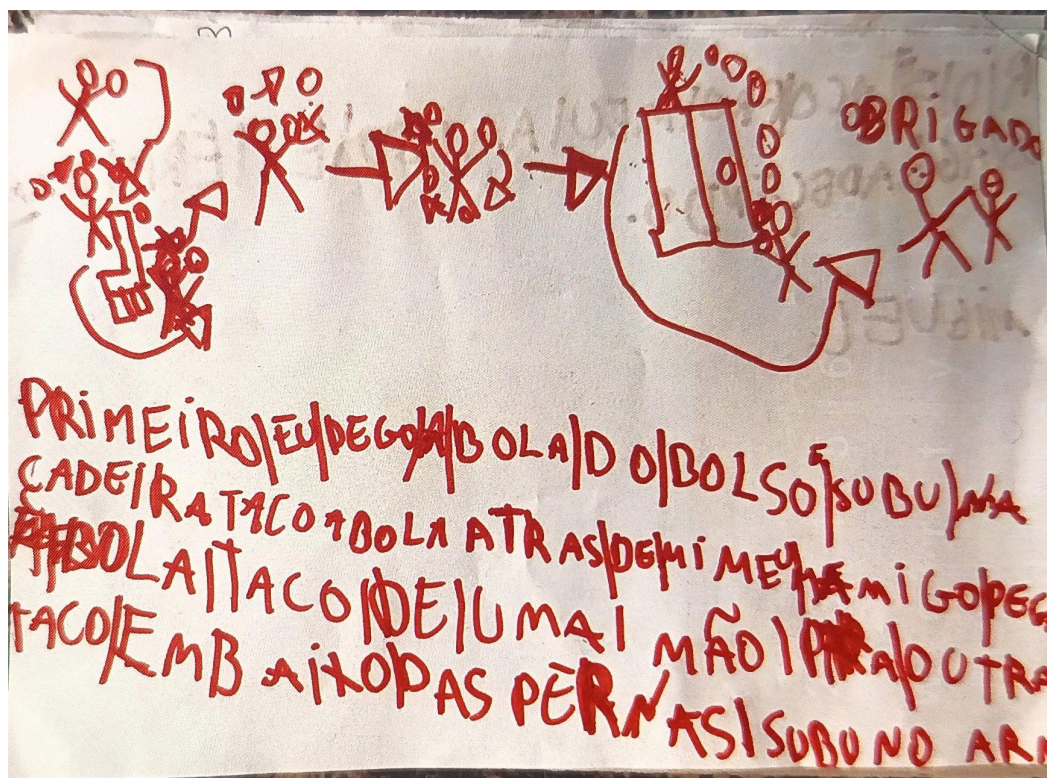


Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

Nas oficinas de Circo, acompanhei como a disponibilização de equipamentos técnicos variados — tais como pernas de pau de alumínio, argolas de malabares, claves, diabolos e monociclos — impulsionava os educandos a construírem sequências únicas de movimentação corporal, desafiando limites físicos e externalizando a expressão de forma lúdica. Exercícios de caminhar pelo espaço, sentir os planos, velocidades, intenções ao se movimentar, o olhar no olho e se conectar ao grupo eram feitos com frequência e seguiam orientações da docente que participava e se expressava junto com os discentes.

Dentro das dinâmicas da oficina, além da criação da parte física, o importante era registrar, da maneira que soubessem, a sequência corporal dos movimentos. Denominei esse exercício de manual circense (Figura 06), no qual trabalhava a memória, repetição, presença, escrita, precisão e prática de consciência corporal, assim gerando uma partitura única. A partir dos registros a sequência se aprimorava, de maneira que se tornavam mais claras, sendo mais fácil de mudar e observar o caminho que estavam fazendo. A Figura 06 é uma foto desse exercício feito por uma das discentes, na época ela tinha 8 anos, preferiu registrar com desenhos e com o passo a passo em comandos de subir e descer, jogar e pegar, pensando e desenvolvendo desde onde e como os objetos estariam dispostos até sua saída e agradecimento com uma reverência, assim delimitando um final.

Figura 06 - Escrita da sequência circense criada por um dos discentes.



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

A oficina de Maracatu tratou a questão rítmica afro-brasileira por meio do manejo de alfaías, taróis e ganzás (Figura 07). Pelo que observei e registrei em campo, o aprendizado dos baques e das loas não se restringia à técnica percussiva, mas atuava na imersão da potência coletiva, harmonizando a pulsação individualizada de cada jovem no interior do cortejo sonoro. As dinâmicas se apresentavam de maneira democrática e por afinidade de cada discente com um instrumento, o ensaio das viradas, canções e alongamentos para tocar faziam grande diferença para a participação dos discentes dentro das propostas de aula. Na Figura 07 observamos a prática acontecendo, o alinhamento desse cortejo, o balançar e o sentir-se parte juntamente com o sonoro e o instrumento que proporcionava um peso, postura e movimento diferente ao corpo, esse fazer possibilitava era um ato de performar individualmente e coletivamente.

Figura 07 - Discentes na oficina de maracatu



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

As Figuras 05, 06 e 07 são do decorrer do projeto e das oficinas de audiovisual, circo e maracatu. Os discentes desenvolveram, de maneiras individuais e coletivas, apresentações e exposições (parte de todo processo pedagógico) que foram demonstradas ao término do ciclo trimestral em uma Mostra Final¹³, sendo um evento no qual discentes, docentes, familiares e comunidade participaram, para além de mera exposição, uma celebração identitária, comunitária, cultural e artística.

Vivência no estágio e inserção no campo

A inserção no campo de pesquisa e as práticas do estágio docente configuram-se, de modo geral, como uma imersão sensível que tende a convocar a totalidade da minha subjetividade. Ao adentrar o espaço urbano de Ouro Preto (MG) ao princípio da graduação em 2020 e em abril de 2022 no bairro Alto da Cruz para acompanhar o Ciclo II do Projeto Clic@ Cidade, meu olhar foi por diversas vezes confrontado entre a visão turística que tenho da

¹³Irei abordar mais a frente com mais ênfase outros desdobramentos sobre a Mostra Final.

cidade, já que venho de uma cidade com o estilo oposto que é Guarulhos (SP), e a visão de conhecer pela leitura de residente. A arquitetura colonial, as igrejas, a arte barroca e os monumentos para o meu olhar turístico por vezes sugerem poder, história, grandeza, potência, rigidez, enquanto para o meu olhar residente algum desses lugares não passam de pontos de referências para necessidades cotidianas.

Essa duplicidade de perspectivas que atravessou a minha própria constituição enquanto estagiária e futura docente parece indicar que o espaço urbano não se apresenta de forma homogênea para os sujeitos que nele coabitam. Enquanto o patrimônio ouropretano tende a se oferecer ao olhar estrangeiro como um objeto de consumo estético e histórico, para as populações que habitam o Alto da Cruz, a relação com a cidade parece ser mediada pelas necessidades que resistem fora do eixo turístico tradicional. Compreender esse distanciamento entre a Ouro Preto idealizada e a Ouro Preto vivenciada pelos sujeitos discentes tornou-se um imperativo pedagógico para o desenvolvimento das oficinas, exigindo um movimento ético de escuta e valorização das realidades concretas do território. Esse movimento de reposicionamento e sensibilidade no campo encontra amparo em Pedagogia da Autonomia, nela Paulo Freire diz:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (Freire, 2002, p. 26).

A partir disso, depreende-se que as condições materiais e socioculturais em que os sujeitos discentes vêm existindo não devem ser vistas como meros dados estatísticos ou como ausência de um repertório. Pelo contrário, os saberes gerados no cotidiano comunitário, as estratégias de mobilidade nas ladeiras acentuadas e as leituras que esses adolescentes operam sobre os espaços de poder da cidade constituem o que Freire denomina como “conhecimentos de experiência feitos”. Na dinâmica do estágio, foi importante perceber que o papel dos docentes não residia em sobrepor uma leitura externa sobre a comunidade, mas sim em validar os saberes trazidos pelos discentes e estimulá-los cada vez mais por outros pontos de observação. Respeitar a dignidade desses jovens implicou, então, oferecer os recursos técnicos para que a própria leitura de mundo comunitária pudesse emergir e se consolidar enquanto discurso artístico e crítico de expressão.

Esse movimento de reposicionamento ético e estético ganha contornos complexos quando confrontamos as identidades em disputa no território ouropretano. O jovem negro e periférico que habita o Alto da Cruz ou o Padre Faria não possui uma relação estática com a

herança colonial que o circunda; pelo contrário, sua subjetividade é atravessada por tensões geográficas e sociais. Para compreender essa fragmentação do sujeito pós-moderno recorro a Stuart Hall:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. (Hall, 2006, p. 12).

A conceituação de Stuart Hall nos permite perceber que a identidade dos discentes participantes do projeto é um território histórico em constante reelaboração, no cotidiano das oficinas de fotografia, as saídas de campo operaram justamente como um espaço de interpelação desses sistemas culturais. Ao invés de aceitarem uma identidade fixa imposta a eles de marginalidade ou de invisibilidade urbana engendrada pela gentrificação, os jovens foram estimulados a mover suas próprias percepções, transformando as ações em motor de autodefinição e transformação subjetiva.

Essa maleabilidade identitária se conecta de maneira direta com as formas de representação que moldam a nossa percepção sobre o que pertencemos, assim como as identidades globais são construídas por discursos históricos estruturados, a relação afetiva e política com o espaço urbano também é mediada por um aparato simbólico. No caso de Ouro Preto, a "ouropretanidade" (se assim podemos chamar) é comumente vendida pelo centro histórico turístico como um conjunto de monumentos, tradições e colonialidade. Esse sistema de representação hegemônico¹⁴ dita quem pertence ou não a cidade, poucas são as abordagens sobre a real população ouropretana e sua cultura, sobre esse caráter discursivo e construído das macro e micro identidades territoriais, Stuart Hall acrescenta que:

O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural (Hall, 2006, p. 48).

Dialogando com as perspectivas de Stuart Hall, se o sistema de representação cultural hegemônico de Ouro Preto produz sentidos e/ou significados que de alguma maneira excluem ou invisibilizam a juventude negra periférica, então nesse sentido a oficina de fotografia funcionou como uma fresta para que os discentes criassem o seu próprio sistema de representação cultural; Ao capturarem as dinâmicas de seus bairros e a si próprios como foco,

¹⁴Cito esse sistema me referindo às grandes empresas, massas comunicadoras e indústrias.

os discentes puderam reconfigurar o conjunto de significados da cidade, forjando um novo sentido de pertencimento, atendendo a um dos objetivos específicos buscados pelo projeto.

É sob essa perspectiva de ruptura e reorganização dos discursos que se insere a potência da arte-educação em ambientes não escolares. A prática pedagógica vivenciada no Projeto Clic@ Cidade não se limitou ao ensino técnico do manuseio de câmeras ou enquadramentos, mas configurou-se como um ato político de intervenção comunitária, trata-se do que podemos chamar de ação cultural, um movimento capaz de criar fissuras na engrenagem automatizada da indústria cultural e do cotidiano alienante, conforme teoriza Suzana Schmidt:

É nesse sentido que compreendemos a ação cultural: como qualquer ação, no campo da cultura, capaz de interromper e desviar o fluxo cotidiano dos hábitos e valores dos agenciamentos e da indústria cultural, permitindo que linhas de fuga criem novos territórios, novas possibilidades de viver, de sentir e de habitar melhor o mundo. A ação cultural baseia-se diretamente na produção simbólica de um grupo, sendo necessário então inverter o processo do consumo para a criação de novos conceitos, relações e materiais que não se limitem a apenas reproduzir ou representar formas ou pensamentos, mas criar novas visões de mundo e possibilidades de existência. (Schmidt, 2011, p. 153).

A aplicação desse conceito na análise do estágio elucida como o processo criativo proposto funcionou como autênticas linhas de fuga, a "pausa sensível" inverteu a lógica do consumo acelerado de imagens e produtos prontos, para a criação autoral de conceitos visuais. Os discentes deixaram de meramente consumir a cidade-espetáculo para produzir novos materiais e relações estéticas com o seu entorno, essa produção simbólica da própria comunidade tinha o anseio por parte do projeto de gerar novas visões de mundo e possibilidades de existência que legitimam o saber e a presença desses sujeitos no espaço urbano, ocupando diferentes lugares.

Ao analisar as transformações socioculturais que redesenham a experiência juvenil na pós-modernidade, Néstor García Canclini aponta para uma reconfiguração radical nas formas de socialização e apropriação dos espaços públicos. Os jovens contemporâneos inserem-se em um cenário fragmentado, onde a conectividade digital e o consumo operam como eixos de emancipação individuais ou grupais, muitas vezes distanciados das instâncias institucionais. Conforme afirma o autor:

Nos comportamentos dos jovens se manifesta uma reorganização radical do que vínhamos entendendo por modernidade. Vemos aumento da informação e das interações com baixa integração social, aceleração das mudanças com empobrecimento das perspectivas históricas com respeito ao passado e ao futuro, combinação assistêmica de recursos formais e informais para satisfazer necessidades e desejos em escala individual ou grupal. A fascinação pelo acesso e trocas lhes incita a memória e a projeção ao futuro. Em consequência, diminui o papel da institucionalidade que organizou a primeira modernidade – as escolas, os partidos

políticos, a organização legal e a continuidade do espaço público – em benefício dos arranjos transitórios, a apropriação flexível de recursos heterogêneos no mercado laboral e nos consumos (Canclini, 2008, p. 64-65).

Diante dessa transitoriedade e do enfraquecimento de canais tradicionais de participação, as oficinas do Projeto Clic@ Cidade adquirem uma dimensão importante. Elas surgem justamente como possibilidade para novas formas de integração social através do fazer artístico, possibilitando uma reflexão crítica sobre a ancestralidade, pertencimento e a projeção de futuros possíveis dentro do próprio território.

Acho importante ressaltar que esse ecossistema de emancipação estética e social só se torna possível a partir de uma mediação docente que compreenda o fazer artístico como uma via de mão dupla. Durante a minha inserção no campo como estagiária, as transformações no olhar dos discentes também transformavam o meu próprio olhar de pesquisadora e futura educadora, essa horizontalidade pedagógica desfaz a figura do professor como detentor único do saber e traz a política do ato educativo, nos moldes defendidos por Paulo Freire:

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (Freire, 2002, p. 28).

Esta reflexão reitera que o Projeto Clic@ Cidade se sustenta sobre essa politicidade não-neutra, no qual a partilha de técnicas fotográficas, inventos, uso das câmeras, do espaço e dos estímulos dados foram utilizados para corporificar sonhos, utopias, reflexões e ideais de transformação social. Ao estabelecer uma relação onde docentes e discentes ensinaram e aprenderam reciprocamente sobre habitar as margens de Ouro Preto, o estágio se consolida não como uma mera etapa burocrática da licenciatura, mas como um ato de compromisso comunitário, abrindo caminho para a análise dos processos criativos que emergiram desse encontro.

Processos criativos na oficina de fotografia e Mostra Final

A investigação do processo criativo nas oficinas de fotografia exige adentrar a materialidade das práticas pedagógicas propostas pelo docente Eduardo Tropia. Longe de iniciar o processo de criação pelo manuseio direto do equipamento digital, a mediação

cultural operou por meio de uma progressão sensível do olhar, utilizando o monóculo como o primeiro dispositivo de enquadramento e recorte da realidade.

O monóculo, historicamente associado à guarda de memórias afetivas em miniatura, foi ressignificado no projeto como um instrumento de isolamento visual. Ao posicionar o pequeno objeto plástico diante dos olhos, os discentes foram capturados por uma dinâmica de visualidade inteiramente distinta da percepção ocular cotidiana, o fluxo habitual de estímulos urbanos da periferia de Ouro Preto foi interrompido, restando apenas um recorte do espaço permitindo que os estudantes encontrassem imagens ocultas e espaços cênicos vivos dentro daquilo que eles já viviam e habitavam. Essa prática inicial de campo, realizada no entorno das sedes do projeto, foi potencializada por estímulos conceituais e temáticos direcionados pelo educador, que instigava o grupo a buscar formas orgânicas, texturas e distorções. Esse exercício dialoga diretamente com a prévia dos conceitos de experiência e identidade discutidos anteriormente: para que o sujeito possa se reconhecer no espaço e demonstre sua identidade, ele precisa primeiro ser afetado pelo ambiente definindo a experiência. A identidade, então, deixa de ser uma categoria biológica ou fixa e passa a ser compreendida como uma construção histórica viva, que se alimenta diretamente da profundidade das vivências cotidianas que rompem com o automatismo alienante.

O monóculo operou como a lente que força essa afetação inicial, porém para que a intuição do olhar se consolidasse como um processo criativo consciente, a dinâmica da oficina articulou a prática de rua a uma sólida base teórica e técnica em sala de aula. Os participantes compreenderam os conceitos fundamentais da linguagem visual: o comportamento da luz, a projeção da sombra, o contraste, os fenômenos técnicos como o "estouro" da luz na imagem — compreendendo o porquê de uma foto clarear excessivamente e como as nuances técnicas alteram a recepção da mensagem comunicadora, as cores, o movimento da foto feito por tremores ou movimentos naturais. Esse letramento visual forneceu aos discentes o vocabulário necessário para que a imagem se tornasse o ato de escolha estética, nesse sentido Suzana Schmidt afirma que:

Amplia-se assim o conceito de ação cultural, compreendendo esse encontro do homem com suas criações e práticas no universo da cultura a partir da perspectiva da complexidade e das possibilidades de reinvenção constantes ao se estabelecerem trocas e relações significativas entre ambientes e indivíduos. (Schmidt, 2011, p. 155)

Com a compreensão conceitual que receberam, os discentes receberam as dez câmeras digitais do projeto, o aprendizado dos comandos básicos, das funções dos botões e do visor digital marcou a transição do olho nu para o olho mediado pela tecnologia. O comando do docente foi para que os discentes olhassem para o máximo, para o mínimo e para tudo o

que estava em seu entorno como uma possibilidade criativa, tais como: “tirar foto daquilo que o seu olhar quer captar”, “o que passa diante de você que merece ser fotografado” e “o que você quer falar a partir da fotografia”. Após ter trabalhado o olhar para a fotografia de diversas formas e em diferentes ângulos, os próprios discentes iniciaram o processo de edição da foto, onde eles tinham autonomia para escolher se gostariam de um recorte, de aumentar o contraste, diminuir o brilho e brincar com a edição em várias fotos (Figura 08); Assim, tratando então de uma ação cultural artístico pedagógica em que essas trocas e relações propuseram o que se configura nesta pesquisa como o atravessamento.

Figura 08 - Discente fazendo edição de fotografia.



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

O atravessamento se manifesta no momento em que a câmera é acionada nas ruas de Ouro Preto (Figura 09), tensionando diretamente os objetivos gerais e específicos do Projeto Clic@ Cidade. O objetivo geral da instituição visa o enfrentamento das exclusões sociais e territoriais sofridas por essas crianças e adolescentes negros, enquanto a proposta pedagógica estimula esses jovens a registrarem o macro e o micro de seus próprios cotidianos, ela cumpre o objetivo específico de fortalecimento da identidade histórica e territorial.

Figura 09 - Discente durante a oficina de fotografia.



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

O processo de desautomatização possibilitou que olhar dos discentes fosse além das fronteiras geográficas do entorno do Projeto. Para romper as barreiras visíveis e invisíveis da segregação urbana, o projeto disponibilizou uma jardineira¹⁵ para conduzir os discentes até o centro histórico, mais especificamente ao anexo do Museu da Inconfidência. Essa iniciativa, que ocorreu no final do Ciclo II, possibilitou a expansão de novos olhares podendo ocupar Ouro Preto Central sob a ótica de direito a cidade e a construção de cultura.

O cinema do anexo abriu suas portas para exibir as próprias produções autorais desenvolvidas pelos discentes na oficina de audiovisual, incluindo curtas em *stop motion*, documentários e ficções¹⁶. Ver as próprias narrativas projetadas na tela de um museu central representou um deslocamento político e identitário: o jovem periférico, antes invisibilizado pelas narrativas hegemônicas do patrimônio, tornou-se o protagonista visual do centro histórico. Após a exibição, os discentes também fizeram uma visita ao museu da Casa dos Contos onde tiveram acesso a uma exposição de arte.

No dia seguinte, 20 de maio, a experiência transformou-se em elaboração crítica coletiva; uma grande roda de conversa foi constituída para debater o que haviam vivenciado,

¹⁵Meio de transporte historicamente associado ao fluxo turístico.

¹⁶As produções audiovisuais dos discentes estão disponíveis no canal do youtube da OCA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e0RXJxyuVw&t=1s>. Acesso em: 19 jun. 2026.

permitindo que os discentes verbalizassem suas afetações internas e o impacto de se enxergarem naquela tela. Mais do que um espaço de avaliação, essa roda foi o núcleo de um exercício de autonomia, onde os próprios discentes assumiram o protagonismo da gestão cultural ao organizarem a logística e o roteiro da Mostra Final¹⁷. Eles escolheram coletivamente a partitura do evento: quem faria a recepção das famílias e do público externo; como se daria a transição para a exposição das obras fotográficas; o momento de exibição dos materiais audiovisuais; o festejo até a Casa de cultura Padre Faria onde chegando teria as apresentações circenses e em seguida a roda de capoeira. A Mostra Final configurou-se como uma verdadeira performance comunitária de celebração identitária.

A exposição fotográfica (Figura 10) chamada “A cidade além de Ouro Preto: o olhar da comunidade”, possibilitou que a comunidade tivesse acesso aos “espaços cênicos vivos” criados por esses jovens, trazendo assim mais pertencimento e representatividade para todos que ali estavam. O festejo do Maracatu (Figura 11), com suas alfaias, arrastou o público ladeira abaixo, em um cortejo sonoro e visual até a outra sede onde teriam outras atrações que culminaram em um momento de confraternização e afeto coletivo.

¹⁷Realizada no dia 22 de maio de 2022, foi divulgada para toda a comunidade através de panfletos e redes sociais. No canal do youtube da OCA tem disponível um vídeo documental sobre o encerramento do Ciclo II. Disponível em: <https://youtu.be/A7rpxqbHL34?si=ovJZ0ShHFaj0wjRx>. Acesso em: 19 jun.2026.

Figura 10 - Exposição fotográfica dos discentes



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

Todos esses processos criativos trabalhados nas oficinas foram geradores de construção de sentido individual e coletivo de cultura, assim potencializando a identidade, a subjetivação e o pertencimento ao espaço em que vivem, podendo através das performances artísticas expressar suas relações. O resultado esperado pelo projeto de consolidar "crianças e adolescentes com olhar crítico e sentimento de cidadania" ganha forma material através da Mostra Final, como potência estética e poética. Os discentes operaram na desautomatização do real, transformando a vivência comunitária em recurso de sua própria emancipação, tal evento transcendeu a simples exposição artística: configurou-se como um ato coletivo de retomada territorial.

Figura 11 - Arrastão de Maracatu



Fonte: Beatriz Frizzo (2022)

Considerações finais

A presente investigação buscou analisar a oficina de fotografia do Projeto Clic@ Cidade Circo Art(e)ducação Audiovisual e como ela atuou como dispositivo possibilitador/ampliador de processos criativos e percepção espacial das crianças e adolescentes das comunidades de Ouro Preto. Agora, precisamos retomar a questão central: Como criar a partir da percepção e do olhar de nós mesmos enquanto sujeitos pertencentes àquilo que se vê? O processo de criação pode potencializar esses novos olhares?

Os resultados obtidos demonstram que a criação artística baseada na fotografia responde ao problema de pesquisa evidenciando que os equipamentos que usaram ao longo

das aulas atuaram como uma "pausa sensível" na engrenagem automatizada do cotidiano urbano. Ao reconfigurarem elementos de seus bairros em cenários e narrativas estéticas, os discentes responderam à exclusão e invisibilidade territorial geradas pelos processos históricos de segregação e gentrificação da cidade. Criar a partir de si mesmo, portanto, configurou-se como um ato de inscrição subjetiva no espaço. Ao transformarem o espaço habitado em imagens carregadas de subjetividade e imaginação, os discentes demonstraram que o processo criativo cumpriu seu objetivo maior: potencializar novos olhares e consolidar a arte como um território vivo de pertencimento, consciência e afirmação de suas identidades na comunidade.

É importante salientar a relevância indispensável de projetos socioculturais de caráter não escolar e dos programas de apoio à produção cultural, como este e outros executados pela Organização Cultural Ambiental (OCA). Tais iniciativas cumprem uma função política e social estruturante ao descentralizar o acesso aos recursos de produção simbólica; o fomento à cultura nas periferias atua como uma fissura na hegemonia representativa, além disso a culminância do ciclo com a Mostra Final e o acesso a espaços como o anexo do Museu da Inconfidência e a Casa dos Contos materializam o direito à cidade, à autodefinição identitária e a importância de se ocupar lugares como esses, evidenciando que a periferia é polo produtor igual de saberes estéticos, sociais, culturais e históricos complexos.

Embora esta pesquisa tenha alcançado seus objetivos ao cartografar os deslocamentos perceptivos dos discentes, reconhece-se o caráter transitório e localizado deste estudo, que se concentrou em um ciclo específico do projeto. Sugere-se, para investigações futuras, o acompanhamento longitudinal dos impactos dessas oficinas na trajetória escolar e comunitária dos jovens, bem como o aprofundamento das correlações tratadas na pesquisa.

Por fim, a partir dessa vivência compreendo como futura arte-educadora que a prática pedagógica nas artes cênicas deve tentar ser definida pela horizontalidade, pelo compromisso ético e diálogo com os discentes, no qual a atuação docente na arte-educação visa validar os "conhecimentos de experiência feitos" que os educandos já possuem, oferecendo auxílios técnicos e teóricos para que suas próprias vozes e visualidades ecoem com autonomia. Portanto, o estágio docente somado à pesquisa, revelou-se um espaço político onde ensinar e aprender coexistiram de forma recíproca, sedimentando a certeza de que a arte-educação é uma via potente para a promoção da cidadania, do pertencimento, da emancipação, da identidade e da possível transformação democrática das realidades sociais.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Nathália Martins. **Atuação da Organização Cultural Ambiental (OCA) como política de assistência social e os desafios encontrados na garantia dos direitos das crianças e adolescentes de Ouro Preto**. 2023. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

DESGRANGES, Flávio. **Teatralidade tátil: alterações no ato do espectador**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 1-13, dez. 2008.

FISCHER-LICHTE, Erika. **A cultura como performance: desenvolver um conceito**. Sinais de Cena, Lisboa, n. 4, p. 73-80, dez. 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A cultura política: entre o mediático e o digital**. MATRIZES, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 55-71, abr. 2008. Tradução de Irene Machado. Revisão técnica por Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORGANIZAÇÃO CULTURAL AMBIENTAL (OCA). **Portfólio OCA: ações/resultados**. Ouro Preto: OCA, [2022]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1auUZOyWhUFp4CEt45GJa6kJM3EmBm8oi/view?usp=sharing>. Acesso em: 19 jun. 2026.

ORGANIZAÇÃO CULTURAL AMBIENTAL (OCA). **Projeto Clic@ Cidade Circo – Art(e)ducação Audiovisual**: relatório de acompanhamento social: convênio PMOP 019/2020 - 1ª prestação de contas parcial. Ouro Preto: OCA, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13anD3ZIq6gY8h2BjzvIAi4eIRILgqEfG/view?usp=sharing>. Acesso em: 19 jun. 2026.

SCHMIDT, Suzana. **A ação cultural e a dimensão criadora**. Urdimento, n. 17, p. 151-156, set. 2011.